



E ABRO MEUS BRAÇOS PRA VOCÊ

DIREI METAS VERDADES  
SEMPRE A META LUZ.

Reportagem de Afrodite Rodrigues e Raquel Cardoso

## COM AÇÚCAR, COM AFETO

Com açúcar, com afeto  
Fiz seu doce predileto  
Pra você parar em casa  
Qual o quê  
Com seu terno mais bonito  
Você sai, não acredito  
Quando diz que não se atrasa  
Você diz que é operário  
Sai em busca do salário  
Pra poder me sustentar  
Qual o quê  
No caminho da oficina  
Existe um bar em cada esquina  
Pra você comemorar  
Sei lá o quê  
Sei que alguém vai sentar junto  
Você vai puxar assunto  
Discutindo futebol  
E ficar olhando as saias  
De quem vive pelas praias  
Coloridas pelo sol  
Vem a noite e mais um copo  
Sei que alegre 'ma non troppo'  
Você vai querer cantar  
Na caixinha um novo amigo  
Vai bater um samba antigo  
Pra você lembrar  
Quando a noite enfim lhe cansa  
Você vem feito criança  
Pra chorar o meu perdão  
Qual o quê  
Diz pra eu não ficar sentida  
Diz que vai mudar de vida  
Pra agradar meu coração  
E ao lhe ver assim cansado  
Maltrapilho e maltratado  
Ainda quis me aborrecer  
Qual o quê  
Logo vou esquentar seu prato  
Dou um beijo em seu retrato  
E abro meus braços pra você.  
(CHICO BUARQUE, 1966).

## FOLHETIM

Se acaso me quiseres  
Sou dessas mulheres  
Que só dizem sim  
Por uma coisa à toa  
Uma noitada boa  
Um cinema, um botequim

E, se tiveres renda  
Aceito uma prenda  
Qualquer coisa assim  
Como uma pedra falsa  
Um sonho de valsa  
Ou um corte de cetim

E eu te farei as vontades  
Direi meias verdades  
Sempre à meia luz  
E te farei, vaidoso, supor  
Que és o maior e que me possuis

Mas na manhã seguinte  
Não conta até vinte  
Te afasta de mim  
Pois já não vales nada  
És página virada  
Descartada do meu folhetim  
(CHICO BUARQUE, 1978).

## A HISTÓRIA DE LILY BRAUN

Como num romance  
O homem dos meus sonhos  
Me apareceu no dancing  
Era mais um  
Só que num relance  
Os seus olhos me chuparam  
Feito um zoom  
Ele me comia  
Com aqueles olhos  
De comer fotografia  
Eu disse cheese  
E de close em close  
Fui perdendo a pose  
E até sorri, feliz  
E voltou  
Me ofereceu um drinque  
Me chamou de anjo azul  
Minha visão  
Foi desde então ficando flou  
Como no cinema  
Me mandava às vezes  
Uma rosa e um poema  
Foco de luz  
Eu, feito uma gema  
Me desmilinguindo toda  
Ao som do blues  
Abusou do scotch  
Disse que meu corpo  
Era só dele aquela noite  
Eu disse please  
Xale no decote  
Disparei com as faces  
Rubras e febris  
E voltouNo derradeiro show  
Com dez poemas e um buquê  
Eu disse adeus  
Já vou com os meus  
Numa turnê  
Como amar esposa  
Disse ele que agora  
Só me amava como esposa  
Não como star  
Me amassou as rosas  
Me queimou as fotos  
Me beijou no altar  
Nunca mais romance  
Nunca mais cinema  
Nunca mais drinque no dancing  
Nunca mais cheese  
Nunca uma espelunca  
Uma rosa nunca  
Nunca mais feliz  
(CHICO BUARQUE, 1983).



**M**aria Amélia Alvim Buarque de Hollanda, pianista, mãe, foi a grande responsável pela iniciação musical de Chico.

Sutileza, poesia, ironia, mágica de um Chico que o público de imediato abraçou. Chico Buarque de Hollanda comemora 70 anos em junho e provoca um arrepio emocionado nas brasileiras. “Chico investe na letra da música e na melodia, então, há um diálogo entre as duas. Essa compatibilidade existe para que a canção seja assimilada sem nenhuma dificuldade pelo ouvinte, que adere à letra”, afirma a semioticista Flor Lopes.

Com uma vida cercada por mulheres, Chico deu à MPB um novo repertório. Emprestou a voz a elas, cantou o cotidiano, os medos, as opressões e principalmente os desejos e vontades. Os desabaços, as verdades em tons melódicos e singelos fizeram da voz passiva uma voz ativa, cuja as letras são admiradas por homens e mulheres. “Chico representa o mundo feminino quase como se fosse ele mesmo uma mulher porque nos vê a partir do nosso ponto de vista. Ele se traveste de mulher, como um ator, o seu olhar vem de dentro, sem preconceitos. Por isso, acho que as mulheres se encantam, pela sua porção feminina aliada a seu enorme talento de poeta e compositor”, diz a cantora do Bloco Mulheres de Chico, Luciana Coló.

O compositor observa o universo feminino e causa uma ruptura ao falar de amor sem idealizá-lo, mas tornando-o real. A mulher tida como



“

*Por isso, acho que as mulheres se encantam, pela sua porção feminina aliada ao seu enorme talento de poeta e compositor.”  
Luciana Coló*

símbolo universal, passa a ser uma mulher de carne e osso, havendo uma desmistificação. Gilberto Gonçalves Costa, professor de comunicação social da Universidade de Brasília afirma:

*“O Chico rompe com isso. Já não é aquela música de fossa, da mulher idealizada. É, ao mesmo tempo uma continuidade e ruptura do que seria, ao meu ver, os pais musicais do Chico, o Tom Jobim e o Vinícius de Moraes.”*



“Chico investe na letra da música e na melodia, então há um diálogo entre a composição e a melodia... Existe compatibilidade entre melodia e letra, para que seja aprendida sem nenhuma dificuldade pelo ouvinte, o ouvinte adere à letra”.  
Flor Lopes



“

*O mérito de Chico foi sua capacidade de fazer de uma frase uma grande história.” Gilberto Costa*

Tom e Vinícius foram representantes excepcionais da Bossa Nova, movimento que antecedeu a Tropicália que viria pavimentar o caminho para a MPB. Nas composições de Vinícius e Tom, a mulher ocupa o pedestal que vinha sendo destinado a ela, um ser idealizado que Chico fez questão de trazer para realidade vivida por milhares de mulheres brasileiras em tom de confiança. *“Eu diria que Vinícius de Moraes inventou o amor e Chico desinventou”, diz Costa. Luciana Coló confirma a percepção de Costa: “Chico, vindo junto com a revolução sexual e comportamental da geração hippie, cantou sobre o gênero feminino a partir do ponto de vista da mulher, mas também do ponto de vista do*

*homem, que cultiva e se relaciona com seu lado feminino em uma mulher que sofre e se engrandece porque ama.”*

As canções buarquinas denunciavam os padrões sociais estabelecidos para o feminino e gritam o cotidiano da mulher em meio à sociedade. Em algumas, Chico expõe o machismo. *“Em Com açúcar, com afeto, por exemplo, o machismo se revela naquele homem que tem o hábito de deixar sua mulher em casa enquanto vai se divertir e ela, submissa, aceita esta condição. Não foi para enaltecer o machismo. Em várias outras músicas ele fala da dor feminina”, diz o professor da Universidade de Brasília.*

Cantor, escritor, músico, humanista e compositor brasileiro. As qualidades de Chico resultaram em performances originais que cativaram o público, a começar quando deu o poder de fala a quem não possuía e fez crítica social sob uma melodia envolvente, se tornando representante da mulher brasileira quando encarnou o eu-lírico feminino.

*“O mérito de Chico foi sua capacidade de fazer de uma frase uma grande história”, diz Costa.*



Ao falar do feminino é evidente falarmos também do masculino, um está ligado ao outro, afinal o papel da mulher na sociedade brasileira se justifica em função do papel masculino e vice-versa. A inovação das canções de Chico foi justamente fazer com que a mulher assumisse um papel até então masculino. *“Chico Buarque entoava, em muitos casos, músicas nas quais o discurso narrativo partia de uma mulher. Assim, temas como paixão, perda, traição, entre outros, foram abordados sob ótica feminina – ou de uma certa condição feminina – até então silenciada na música brasileira”, diz o historiador e mestre em ciências sociais, Frederico Castilho Tomé. Os principais obstáculos para que as mudanças ocorram no que diz respeito ao papel feminino/masculino está no fato das pessoas se sentirem compelidas a repetir um modelo funcional para serem reconhecidas e valorizadas pela sociedade. “Se os modelos sociais são balizados por uma normatização masculina, as peculiaridades do feminino encontrarão, como de fato tem encontrado, dificuldades em suas expressões e aceitações. Por exemplo, as mulheres ainda hoje percebem dificuldades no campo profissional, já que por alguns são consideradas emotivas, frágeis e instáveis, isso sem contar na condição de mãe que lhe é própria. O campo afetivo seria um outro exemplo. Por mais que tenha ocorrido uma certa flexibilidade na valoração moral da sexualidade feminina, ainda há um forte controle social sobre o comportamento sexual das mulheres”, comenta Frederico.*

Apesar de toda força exercida pelos papéis sociais referentes ao gênero, felizmente eles não são absolutos, permitindo ao homem e a mulher serem agentes de mudança em suas relações e padrões funcionais, desconstruindo estereótipos. *“Imagino não ser tão fácil desconstruir o estereótipo. Ele é de certa forma necessário como um pré-conceito, um pré-entendimento conceitual. Contudo, o avanço das mulheres no âmbito social, tendo estas galgado postos políticos e profissionais cada vez mais significativos, já é um indício que tais estereótipos*



*podem sofrer alterações positivas no decorrer dos anos. Aliás, não há apenas um estereótipo. Há aqueles que percebem as mulheres com uma pré-configuração de antemão positiva: mais decididas, fiéis, dedicada aos seus, mais resistentes física e psicologicamente...”*, diz Frederico. A transmissão sistemática dos papéis moldados por uma sociedade patriarcal se dá por identificação. Em consequência desses papéis, homens e mulheres assumem determinados modelos dificultando a desconstrução de um estereótipo. Primeiramente, a mudança precisa acontecer na maneira de pensar da própria mulher, assumindo novos papéis e representações para si mesma.

≡≡≡ *“Chico Buarque entoava, em muitos casos, músicas nas quais o discurso narrativo partia de uma mulher. Assim, temas como paixão, perda, traição, entre outros, foram abordados sob ótica feminina – ou de uma certa condição feminina – até então silenciada na música brasileira.” Frederico Castilho Tomé* ≡≡≡

## EU TE FAREI AS VONTADES

Chico usa da poética em tom nobre e metafórico para contar e cantar ao Brasil uma sociedade estruturada em uma visão masculina, um sistema que se impôs como realidade, no qual o feminino é sujeito a um destino pré-determinado que obstrui o potencial da mulher.

A percepção da professora de linguística Milena Fernandes corrobora a fala da estudante de direito Thalita da Rocha, 23 anos. *“De uma forma geral, acredito que as maiores dificuldades sejam a tomada de consciência da realidade opressora por trás do discurso da equidade de gênero e, em seguida, a permanência na resistência, no enfrentamento do patriarcado, diante de tantos motivos que fazem com que a mulher recue novamente para o “seu” lugar de coadjuvante”, diz a professora. “Acredito que nas relações pessoais está a maior dificuldade, é nelas que se manifesta a resistência dos outros à mulher, que se liberta da prisão dos “quadros” a que tentam aprisioná-la”, comenta Thalita.*

A vida conjugal em modelos patriarcais, a mulher cuidadora, a que melhor faz quitutes, a dona do lar. Essa realidade em *Com açúcar, com afeto* denuncia um papel feminino dependente e frágil, imposto por séculos à mulher sem que ela percebesse o abuso dos padrões sociais que a limitam como indivíduo. Em contrapartida, quem não se doa de livre e espontânea vontade ao seu objeto de amor? *“Com açúcar, com afeto fala de uma mulher que aceita os deslizes ou a liberdade de seu homem. Ela o espera em*



*casa, o seu único amor, com a sua servidão amorosa e secular. É lindo! Me identifico com ela, de certo modo, mesmo não sendo uma mulher submissa ao homem, por que... quem não ama demais?”, cita Luciana Coló.*

Autonomia, independência e sucesso são predicados que revelam uma mulher que quebra paradigmas. Porém, a ânsia pelo amor idealizado e o receio da solidão, valores empregados culturalmente em nossa sociedade, as fazem abrir mão de si mesmas para viver uma outra pessoa, em busca de desejos que não são os seus. Relato de inúmeras brasileiras, sentido e harmoniosamente tocado em tom de sol sustentido na música A história de Lily Braun. *“A história de Lily Braun mostra o início livre e feliz de um romance que deságua em um casamento chato e opressor. Também me identifico, de certo modo, pois sou casada há 16 anos e é muito difícil compartilhar a liberdade ou ser livres juntos”, comenta Luciana Coló.*

Desejos, vontades, fetiches... Quem não os tem? As mulheres de Chico possuem poder de fala e passam a exercer sua liberdade sexual como na canção *Folhetim*, que retrata uma mulher dona do seu próprio corpo e ciente de seus prazeres. *“Folhetim mostra uma mulher mais moderna, liberta das idealizações a respeito do amor do outro para se amar, uma mulher que não se deixa prender, e usa o homem, como ele, um dia, usou a mulher”, afirma Luciana Coló.*



O Brasil é composto por inúmeros Brasis, de diferentes realidades femininas, fazendo com que as canções buarquinas sejam atemporais e que, de maneira simples, cantem as facetas da mulher brasileira. “Considero que Chico Buarque componha canções que representam mulheres universais, que vivem problemas cotidianos de forma autônoma. Outro ponto que destaco é que Chico às vezes faz recortes femininos sociais inusitados dentro do universo da MPB” diz a arquiteta Patrícia Guedes, 32 anos, integrante do Blogueiras Feministas.

A liberdade sexual tão poetizada nas canções de Chico dá à mulher o poder diante de seu próprio corpo, mas, principalmente, em relação ao masculino. “A liberdade da mulher em sua intimidade sexual, assim como na esfera profissional, a coloca em pé de igualdade com o homem, fazendo surgir a competição característica das relações bélicas entre homens. Por isso, todas as diferentes (e inimagináveis) formas da mulher exercer a sua liberdade sexual equivalem às formas de exercer poder ou lutar por ele. Ela pode ser monogâmica, poligâmica, heterossexual, bissexual, homossexual, ativa, inativa, passiva...Qualquer coisa que denote uma escolha própria da mulher lhe trará problemas. Por outro lado, ela pode praticar todas essas “liberdades” se essas denotarem em aprovação masculina como, por exemplo, o clássico fetiche em ver duas mulheres se

beijando”, comenta Milena Fernandes.

Chico faz da mulher a própria protagonista de sua história, tirando-a de um papel omissivo e levando-a ao palco da vida por meio de um discurso ativo, às vezes em clima de denúncia, outras vezes como o registro de um desabafo ou com a sutileza da ironia. “A mulher, no século XXI, não sai de sua posição de coadjuvante, porque o discurso do patriarcado, ao refletir essa realidade social, a constrói e fortalece, convencendo mais mulheres de que aquele é o seu lugar. Por outro lado, é apenas pelo discurso que a mudança se efetivará na realidade social. É por meio do discurso de protagonista que a mulher é capaz de refletir o protagonismo já conquistado até então e, simultaneamente, caminhar ainda mais em direção à construção de um protagonismo pleno”, diz Milena Fernandes.

Quando a sociedade rompe com o mito do machismo, as relações humanas não se estabelecem mais através de dominadores e dominados, mas de relações afetuosas em que há solidariedade e cumplicidade, que se estendem para uma vivência além do âmbito familiar, alcançando as relações sociais, profissionais e culturais.

Todo ser humano, independente de gênero, é seguro e inseguro, forte e fraco, corajoso e medroso. Tudo faz parte do que se chama humanidade e nenhum sentimento ou emoção pertence

a um único gênero.

Parafraseando a escritora russa do final do século XIX, Lou Andreas Salomé, pode-se dizer que Chico extrai da vida o poético e da mulher o dia a dia, pedaço a pedaço. Mas, na sua inviolável totalidade, é ele quem canta o feminino em tom maior. Longe, muito longe da velha divisa.

Créditos:

Reportagem: Afrodite Rodrigues e Raquel Cardoso

Orientação: Prof. Cláudia Busato

Direção de Arte : Caren de Oliveira